



A racionalidade moderna e as distorções dos critérios de noticiabilidade¹

Modern rationality and distortions of the news criteria

La racionalidad moderna y las distorsiones de los criterios de noticiabilidad

Jorge Kanehide Ijuim - Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis | Santa Catarina | Brasil | ijuimjor@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-4685-5915>

Resumo: O presente trabalho visa promover uma reflexão sobre as influências do Pensamento Moderno sobre os Modelos jornalísticos. Procuro em especial desenvolver uma crítica aos critérios de noticiabilidade. À luz da Sociologia, trago à discussão a hipótese de que a racionalidade ocidental moderna, a que Boaventura de Sousa Santos nomeia como uma razão indolente, tem contribuído para a promoção na comunidade jornalística de uma visão de mundo que provoca leituras equivocadas na seleção e na produção de notícias. Para tanto, recorro às experiências sobre valores-notícia de Wolf (1994), Traquina (2005) e Silva (2005). O pensamento de Santos (2002, 2007, 2010, 2011) colabora para a compreensão de tal distorção.

Palavras-chave: Jornalismo e Sociedade. Critérios de noticiabilidade. Sociologia das ausências. Pensamento Moderno. Modelos jornalísticos.

Abstract: This paper aims at fostering a reflection regarding the influences of Modern Thought on journalistic models. Seeking to develop a critique of the newsworthiness criteria, in sociology light, I come up with the discussion of the hypothesis that modern western rationality, which Boaventura de Sousa Santos defines as an indolent reason, has boosted to promoting a misreading in the selection and production of news for the journalistic community. For that, I appeal to experiences of the values-news of Wolf (1994), Traquina (2005), and Silva (2005), likewise, Santos' thought (2002, 2007, 2010, 2011) contribute to the understanding of such distortion.

Keywords: Journalism and Society. News criteria. Sociology of absences. Modern thinkin. Journalistic models.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo promover una reflexión sobre las influencias del pensamiento moderno en los modelos periodísticos. En particular, busco desarrollar una crítica sobre los criterios de noticiabilidad. A la luz de la sociología, traigo a discusión la hipótesis de que la racionalidad occidental moderna, que Boaventura de Sousa Santos menciona como una razón indolente, ha contribuido a la promoción en la comunidad periodística de una visión del mundo que conduce a malentendidos en la selección y producción de noticias Con

¹ Texto apresentado parcialmente no SBPJor 2018 – Comunicações coordenadas: Valores e finalidades do jornalismo.



este fin, me refiero a las experiencias sobre los valores de las noticias de Wolf (1994), Traquina (2005) y Silva (2005). El pensamiento de Santos (2002, 2007, 2010, 2011) contribuye a la comprensión de tal distorsión.

Palabras clave: Periodismo y sociedad. Criterio de noticiabilidad. Sociología de las ausências. Pensamiento moderno. Modelos periodísticos.



<http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2020v8n17p117-138>

Recebido em novembro 2019 – Aprovado em março 2020.



1 Jornalismo moderno e noticiabilidade

Ao concordar com os estudos de Cremilda Medina (2008), entendo que as bases para a estruturação dos modelos do Jornalismo Moderno foram estabelecidas no Século XIX, sob os influxos do pensamento funcional-positivista. Ali “se propõem gramáticas, presentes tanto na metodologia da pesquisa do conhecimento científico quanto na de captação e narrativa da contemporaneidade que se difunde nos meios de comunicação social” (MEDINA, 2008, p. 18).

Num período de transição ao que Charron e Bonville (2016) distinguem entre um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação, o conhecimento pragmático proposto por Augusto Comte ganhou destaque. Para este pensador, a eficácia científica depende da relação direta ou indireta com os fenômenos observados. O caráter utilitarista de sua proposta fica evidente ao considerar que “a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais” (COMTE, 1983, p. 48). Assim também, o tom determinista adquire ênfase quando assevera que “o verdadeiro espírito positivo consiste, antes de tudo, em ver para prever, em estudar o que é, a fim de concluir disso o que será, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais” (COMTE, 1983, p. 50).

A Imprensa, como a nova indústria da informação, incorpora não somente os modos de produção de uma fábrica como o pensamento predominante ocidental. Conforme alerta Medina (2008), a doutrina positivista reflete tanto nas salas de redação, que estabeleceram suas rotinas e seus manuais, como constitui cânones na literatura especializada, e também influencia a formação universitária do nosso campo. Nessas três instâncias, Medina observa que estão presentes os dogmas propostos por Comte: “aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem” (MEDINA, 2008, p. 25). Em tais



circunstâncias, foram fincados os fundamentos para o Jornalismo que se pratica até nossos dias. A ciência e seu braço operativo, a tecnologia, desenvolvem novas plataformas, o mercado da informação se reinventa e se reestrutura, mas a essência do pensar e do fazer jornalísticos ainda persiste, sobremaneira, assentada nos princípios desenhados no Século XIX.

Firmado este entendimento, cabe acrescentar a esta discussão um componente de fundamental importância para o Jornalismo: os critérios de noticiabilidade. O pesquisador português Jorge Pedro Sousa ressalta que a contribuição de Tobias Peucer foi determinante aos estudos sobre as teorias da notícia e do Jornalismo. Com sua *De relationibus novellis* (Os relatos jornalísticos), tese defendida em 1690 na Universidade de Leipzig, na Alemanha, é considerado o primeiro trabalho acadêmico sobre o Jornalismo, Sousa sublinha que Tobias Peucer demonstrou seus dotes de pesquisador,

[...] um observador sagaz da diversificada imprensa informativa da época em que viveu, que elevou à condição de objecto de estudo, propondo uma primeira "teoria do jornalismo" num tempo em que ainda nem sequer se falava de jornalismo, mas em que, paradoxalmente, o campo jornalístico se começava a consolidar (SOUSA, 2004, p. 34).

Em sua interpretação, Sousa sublinha as preocupações do autor com algumas das questões centrais que se pretende construir atualmente nossas teorias, como "os conceitos de notícia e de jornais; as relações entre 'jornalismo' e história; o contributo da retórica e da evolução histórica para a estrutura das notícias; os critérios de noticiabilidade; os constrangimentos à produção de informação, etc." (SOUSA, 2004, p. 36). Ressalva, no entanto, que Peucer não falou de critérios de noticiabilidade, nem de valores-notícia, mas intuiu a sua existência. Desde então, procurou organizar uma lista do que deve e não deve ser noticiado e, assim, admite a existência desses critérios.



O intelectual luso-americano Nelson Traquina (2005), ao analisar e sintetizar o trabalho de vários estudiosos contemporâneos, recorre a Bourdieu, que escreveu:

Os jornalistas têm seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado (BOURDIEU, 1997, p. 25).

O pensador francês refere-se a certas propensões inerentes à profissão, à sua formação, às suas disposições. Por isso, “selecionam nessa realidade particular que é a vida dos subúrbios um aspecto inteiramente particular, em função de categorias que lhes são próprias” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

A partir deste ponto de vista, Traquina entende noticiabilidade como “um conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’” (TRAQUINA, 2005, p. 63). Ao descrever diversos estudos recentes, o autor destaca critérios consagrados pela comunidade jornalística e pelas análises acadêmicas. O extraordinário, o insólito, a significância, a notoriedade e proeminência, a novidade são alguns dos valores-notícia muito recorrentes tanto nas pesquisas como nos manuais profissionais.

O autor esclarece, no entanto, que há um ponto fulcral com relação a tais critérios, que é a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. O italiano Mauro Wolf sinalizou que os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, como escreve:

[...] na realidade, não sobrevêm apenas no momento da seleção, mas durante todo o processo produtivo, inclusive



nas fases de feitura e de apresentação das notícias, quando são postos em destaque precisamente os elementos de relevância que determinaram a *newsworthiness* no momento de seleção (WOLF, 1994, p. 216).

Esta compreensão parece não causar qualquer contestação uma vez que há escolhas, juízos de valor, no processo de seleção do assunto que poderá ser noticiado, como no momento de escolha, hierarquização e valorização das informações que deverão compor a notícia. Por isso, valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção.

Gislene Silva acrescenta ao debate um elemento que considero de alta relevância. A pesquisadora acredita que há também critérios de noticiabilidade na *visão dos fatos*, num âmbito de fundamentos ético-epistemológicos. E explicita:

Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas postadas em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões (SILVA, 2005, p. 98).

Precisamente essas influências organizacionais, sociais e culturais – em outros termos, fundamentos ético-epistemológicos – merecem maior atenção no presente trabalho. Como será discutido nas próximas linhas, entendo que justamente este fator, não só porque perpassa os momentos de seleção e de construção, expõe a visão de mundo do jornalista em suas diversas funções. E esta visão de mundo determina seus juízos de valor sobre o acontecimento e na maneira como este fato pode ser representado junto à audiência.

Reafirmando minha percepção de que os Modelos jornalísticos foram influenciados fortemente pela doutrina funcional-positivista do Século XIX, e que a Imprensa, como indústria da informação, é produto e produtora do Pensamento Moderno, apresento minha suspeita de que a racionalidade ocidental promoveu uma visão de mundo que tem



provocado leituras equivocadas nos processos de seleção e de produção de notícias.

2 Sociologia das ausências – A indolência da razão

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos é professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Mesmo aposentado, divide seu tempo entre o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), onde é diretor, e os Estados Unidos da América, onde atua na Legal Scholar da Universidade de Wisconsin-Madison. Seus estudos estão centrados nos temas: epistemologia, sociologia do direito, teoria pós-colonial, democracia, interculturalidade, globalização, movimentos sociais, direitos humanos.

A exemplo de outros intelectuais contemporâneos como Fritjof Capra e Edgar Morin, Santos vem debatendo, desde os anos 1980, a crise dos paradigmas nas ciências. Ao defender uma posição epistemológica antipositivista, identifica um paradigma emergente ao qual atribui uma nova centralidade às ciências sociais. Em sua opinião, o que mais caracteriza a condição sociocultural na atualidade é o que chama de “absorção do pilar da emancipação pelo da regulação”, consequência da gestão reconstrutiva dos déficits e dos excessos da modernidade confiada à ciência moderna. As tensões entre os princípios iluministas (emancipatórios) e os interesses burgueses (capitalistas) atuaram para essa absorção e tais excessos. Para Santos,

A colonização gradual das diferentes racionalidades da emancipação moderna pela racionalidade cognitivo-instrumental da ciência levou à concentração das energias e das potencialidades emancipatórias da modernidade na ciência e na técnica (SANTOS, 2011, p. 55-56).



O autor considera que a consolidação do Estado liberal na Europa e na América do Norte, as revoluções industriais e o desenvolvimento capitalista, o colonialismo e o imperialismo, constituíram o contexto sociopolítico em que se desenvolveu o que chama de *razão indolente*.

A indolência dessa razão está, em primeiro lugar, em ser uma razão impotente, que não se exerce porque pensa que nada pode fazer contra uma necessidade concebida como exterior a ela própria. É também uma razão arrogante, pois não sente necessidade de exercer-se porque se imagina incondicionalmente livre e, por isso, livre da necessidade de demonstrar a sua própria liberdade. Assim também é uma razão proléptica², que não se presta a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a seu respeito e o concebe como uma superação linear, automática e infinita do presente. Por fim, esta é uma razão metonímica, que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade.

Destas, a que mais se aplica a presente reflexão é a razão metonímica. Esta é obcecada pela ideia da totalidade sob a forma da ordem (a parte tomada pelo todo). “Não há compreensão nem acção que não seja referida a um todo e o todo tem absoluta primazia sobre cada uma das partes que o compõem” (SANTOS, 2002, p. 241-242). Como o todo é uma das partes transformada em termo de referência para as demais, sua forma mais acabada é a dicotomia, porque combina a simetria com a hierarquia. Por isso mesmo, todas as dicotomias provocadas por esta razão contêm uma hierarquia: cultura científica/cultura literária; conhecimento científico / conhecimento tradicional; homem / mulher; cultura / natureza; civilizado / primitivo; capital / trabalho; branco / negro; Norte / Sul; Ocidente / Oriente etc.

Estas dicotomias a rigor são mais remotas, mas foram acentuadas na Modernidade. Remontam os tempos das grandes

² Metáfora baseada na medicina: Diz-se de uma doença cujos paroxismos se repetem ou de uma febre cujos acessos se antecipam.



navegações e têm origem nos acordos de exploração das novas terras, como o Tratado de Tordesilhas. Os traçados das linhas serviam para legitimar limites e definir o que podia e o que não podia, distinguir a metrópole da colônia, o civilizado do selvagem. O que Santos (2007) chama de Pensamento abissal consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos. A divisão é tal que o “o outro lado da linha” desaparece, enquanto realidade torna-se inexistente.

Por essas razões, a indolência da razão metonímica gera a não-existência (ausência) – a não-existência do que não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear. “Há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível” (SANTOS, 2002, p. 247). E o autor acrescenta que o que une as diferentes lógicas de produção de não-existência é serem todas elas manifestações da mesma monocultura racional. Assim, o autor distingue cinco lógicas ou modos de produção da não-existência, a que nomeia de monoculturas.

A monocultura do saber enfatiza a primazia do saber científico e da alta cultura; despreza e desconsidera quaisquer outros saberes. A monocultura do tempo linear entende que a história tem uma direção única e conhecida, a do progresso, modernização, desenvolvimento e, por isso, os que não se adaptam representam o atraso. A lógica da classificação social se assenta na naturalização das diferenças e, assim, desrespeita e não reconhece o Outro, o diferente. Já a lógica da escala dominante torna irrelevante qualquer outra escala; esta privilegia o global e o universal – as características e interesses locais são irrelevantes. Por último, a lógica produtivista, que se apoia na monocultura dos critérios de produtividade capitalista; nos termos desta lógica, o crescimento econômico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que mais bem serve a esse



objetivo. Assim, Santos sintetiza tais monoculturas: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo.

Trata-se de formas sociais de inexistência porque as realidades que elas conformam estão apenas presentes como obstáculos em relação às realidades que contam como importantes, sejam elas realidades científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas. São, pois, partes desqualificadas de totalidades homogêneas que, como tal, apenas confirmam o que existe e tal como existe. São o que existe sob formas irreversivelmente desqualificadas de existir. A produção social destas ausências resulta na subtração do mundo e na contração do presente e, portanto, no desperdício da experiência (SANTOS, 2002, p. 249).

Neste contexto, como contraponto à indolência desta razão, Santos defende a sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Estas visam substituir essas monoculturas por alternativas como a ecologia de saberes, a ecologia das temporalidades, a ecologia dos reconhecimentos, a ecologia das transescalas e a ecologia da produtividade. Para o autor, o objetivo da sociologia das ausências é revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais e credibilizar esse conjunto por contraposição à credibilidade exclusivista das práticas hegemônicas. Assim:

Comum a todas estas ecologias é a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe. Trata-se de uma versão ampla de realismo, que inclui as realidades ausentes por via do silenciamento, da supressão e da marginalização, isto é, as realidades que são activamente produzidas como não existentes (SANTOS, 2002, p. 253).

Diante desta exposição, cabe agora caminhar para a minha proposição de apontar como a razão ocidental moderna influenciou na estruturação dos Modelos jornalísticos que ainda hoje praticamos. Em especial, como já mencionado, pretendo explicitar como esta



racionalidade tem provocado uma leitura equivocada dos critérios de noticiabilidade.

3 Desconstruir para compreender

Se o jornalista reconhece critérios de noticiabilidade e recorre a eles nos momentos de seleção e de construção da notícia, como já mencionei, também está em causa sua visão de mundo – seus fundamentos ético-epistemológicos – que se aplica sobre esses dois momentos. Nesta fase do trabalho, realizo a crítica a alguns dos critérios consagrados pelos manuais do nosso campo e pelas práticas profissionais. Por um processo de desconstrução, apoiado nas ideias de Boaventura de Sousa Santos, faço um confronto entre os critérios de noticiabilidade e uma amostra de reportagens e coberturas realizadas no estado de Santa Catarina.

Para tal intento, apresento um conjunto de reportagens que melhor representam os propósitos deste artigo-ensaio. Este *corpus* foi selecionado entre um acervo maior que tenho organizado nos últimos anos em função de investigações acerca dos modelos jornalísticos. Lancei um olhar crítico sobre tais reportagens com o apoio da Análise Lexical, que pertence a uma subdisciplina da Linguística chamada Lexicologia. Michel Thiollent (1986) recomenda essa metodologia especialmente para a análise de discursos políticos, mas tenho adotado esses recursos com adaptações aos estudos do Jornalismo. Em síntese, trata-se de descrever o léxico (vocabulário) de determinados campos de discurso, informação ou saber. Através da identificação de ocorrências, coocorrências, associações é possível perceber regularidades na composição dos textos, de modo a revelar mensagens potenciais que não são explicitadas, mas muitas vezes conotadas. (THIOLLENT, 1986, p. 59-66).

a) Impacto – O Jornal do Almoço, da NSC TV, de 19 de julho, exibiu matéria divulgando índices que mostram a queda da violência no



primeiro semestre de 2018³. Na chamada de estúdio, em tom otimista, o âncora informa que baixou, inclusive, o número de feminicídio. Na reportagem externa, foram expostas informações da Secretaria de Segurança Pública e ouvido o próprio secretário que atribuiu à queda da violência às ações preventivas e ostensivas das forças policiais. O valor-notícia que parece ter decidido a pauta foi o impacto que, supostamente, poderia causar certo alívio na audiência [o Estado está mais seguro]. Entre a chamada de estúdio e o todo da reportagem há uma enorme incoerência e um reducionismo. Senão vejamos.

Nelson Traquina admite que o “ritmo do trabalho jornalístico exige a ênfase sobre acontecimentos e não sobre problemáticas” (TRAQUINA, 2005, p. 82). Não só as condições de trabalho podem ditar esse “ritmo”, mas algo muito mais introjetado. Santos (2007) ressalta que a ciência moderna, como conhecimento monopolista, privilegia uma epistemologia das consequências; estas vêm sempre antes das causas. Ora, para os editores do Jornal do Almoço, “os números falam por si” (?). São consequências dos bons resultados do Plano Estadual de Segurança Pública (?), como atestou a única fonte ouvida – o secretário Alceu de Oliveira Pinto. Vários autores em nosso campo, entre eles Nilson Lage (2005), atribuem a confiabilidade da notícia à qualidade das fontes. Quanto mais fidedigna, maior a credibilidade da matéria. E quando o material tem como fontes um relatório e um secretário encarregado de divulgá-lo? A fonte primária é a oficial (e ponto). Recorreu-se ao valor-notícia da notoriedade desta fonte única?

Em síntese: uma reportagem acrítica que não levantou qualquer questionamento. Houve algum fenômeno social ou alguma política pública

³ Em SC, 1º semestre tem queda nos homicídios e roubos; mortes em confronto com policiais aumentam. G1-SC. 19/07/2018 10h06. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/07/19/em-sc-1o-semester-tem-queda-nos-homicidios-e-roubos-mortes-em-confronto-com-policiais-aumentam.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2018.



que poderia interferir na melhoria das condições de vida da população? (e com isso menos violência?) Este é um caso para ser tratado apenas pelo viés da segurança pública? Ou segurança não é também uma questão social? É bom esclarecer que, sobre a questão do feminicídio, a reportagem restringiu-se à informação de que os casos caíram de 21 para 19 com relação ao 1º semestre do ano passado. Esses dados são suficientes para tratar de um tema de tal relevância?

Ao reduzir a produção da reportagem aos valores-notícia impacto e notoriedade, a editoria do Jornal do Almoço fica devendo em contextualização e pluralidade. Assume a epistemologia das consequências e concentra-se na fonte fidedigna, porque supostamente é amparada pelo conhecimento científico (SANTOS, 2007).

b) Tempo – Traquina (2005, p. 81) faz alusão ao fator tempo como valor-notícia quando uma data pode estar associada a algum fato relevante e deve ser lembrado. Há, no entanto, outra centralidade que é a de uma espécie de “agendamento”, épocas que se revelam “ganchos” para pautas. Em todo o Brasil os veículos de comunicação têm agido de forma semelhante, por exemplo, no início do ano com matérias sobre férias e, em seguida, volta às aulas; repete-se a mesma postura com carnaval, Semana Santa, dia das mães etc. Ao acompanhar um “calendário mercadológico”, os órgãos de imprensa se revelam pauteiros ou perseguidores das campanhas de marqueteiros.

Em Santa Catarina, por algumas características regionais, acrescentam-se alguns “eventos” a este agendamento da imprensa. No verão, é recorrente o relato sobre a chegada de turistas, invasão de argentinos e a qualidade das praias para banho. Em maio, as atenções estão na captura da tainha, peixe bastante apreciado na região⁴. No

⁴ 26ª Festa da Tainha começa nesta quarta-feira. NSC TV – Bom dia Santa Catarina. Exibido em 4 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6848848/>. Acesso em: 18 jul. 2018.



inverno, há invariavelmente um “pinguim de plantão” para informar que Urupema teve temperatura abaixo de zero durante a madrugada; e sempre algum turista para dizer que veio ao sul na esperança de ver neve⁵. Festas, muitas festas⁶. Festa do pinhão em Lages, Festa da Tainha em Itajaí, Fenaostra em Florianópolis e, em outubro, Oktoberfest em Blumenau. Este valor notícia tempo, além de revelar “o mais do mesmo” do agendamento (mercadológico), suscita um questionamento a outros critérios, como novidade, relevância, significância.

A cobertura de um evento merece aqui uma atenção especial. Trata-se do Festival de Dança de Joinville⁷. Anunciado como “o maior festival de dança do mundo” (bairrismo?), já que é a única cidade do mundo a abrigar o Bolshoi fora da Rússia, esta é uma pauta obrigatória para os veículos da NSC, grupo que controla a afiliada da Rede Globo no estado, mais jornais e emissoras de rádio. É interessante notar os enquadramentos do material veiculado. Além de exibir a arte, o treinamento refinado e exaustivo dos personagens, da beleza dos espetáculos, não há qualquer constrangimento ao mostrar as feiras de expositores que vendem de tudo para este público; como também trazer números sobre a lotação da rede hoteleira, do movimento em restaurantes e, enfim, sobre o que (e o quanto) o festival representa economicamente para o estado. É curioso perceber, porém, que a cobertura jornalística da cultura popular é insignificante. O Reisado (6 de

Começa em SC a temporada de pesca artesanal da tainha. G1-SC. 01/05/2017 14h06 Atualizado 01/05/2017 14h08. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/comeca-em-sc-a-temporada-de-pesca-artesanal-da-tainha.ghtml>.

Acesso em: 18 jul. 2018.

⁵ Urupema registra baixas temperaturas e atrai turistas. NSC – Jornal do almoço. Exibido em: 11 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6864303/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

⁶ 26^a Festa da Tainha começa nesta quarta-feira. NSC TV – Bom dia Santa Catarina. Exibido em 4 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6848848/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

⁷ Festival de Dança de Joinville começa nesta terça com cursos e abertura de feira. NSC Notícias – SC. Exibição em 17 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6878345/>. Acesso em: 18 jul. 2018.



janeiro) e a Festa do Divino, tradicionais festas populares dificilmente ganham espaço no noticiário.

O que representa este grande “valor” no agendamento mercadológico? Primeiro, que a alta cultura é mais importante que a cultura popular; a primeira é privilégio de poucos, a segunda é difundida entre pobres. Ao adotar tal postura, a imprensa assume a indolência da razão a que Santos (2002) chama de monocultura do saber, a preferência ao saber científico e à alta cultura; além da lógica da classificação social, pela qual se naturalizam as diferenças entre ricos e pobres, nobres e plebe. A cobertura de eventos, além de divulgar as particularidades da cultura regional, serve para vender – festas, hospedagem, passagens, refeições, o que supõe, sem qualquer cerimônia ou constrangimento, a admitir o jornalismo do negócio pela lógica produtivista (SANTOS, 2002), que entendo o modo de produção capitalista como o único possível.

c) Conflito ou controvérsia – Como nos lembra Traquina, “o conflito através de violência física ou simbólica representa uma ruptura na ordem social” (2005, p. 84) e, por isso, ganham valor como notícia. Trago à discussão a violência recorrente a dois grupos sociais em Santa Catarina: indígenas e pessoas em situação de rua.

A Terra Indígena (TI) Morro dos Cavalos, em Palhoça (Grande Florianópolis), dispõe de cerca de dois mil hectares e abriga uma comunidade Guarani. Após a primeira demarcação, em 1995, a Funai reconheceu o território como tradicionalmente ocupado em 2002 e teve sua oficialização em 2008. O conflito pela terra se arrasta entre processos judiciais por décadas e, até hoje, a posse pela comunidade ainda não é definitiva. Além do confronto com ruralistas que contestam a ocupação dos espaços demarcados, os guaranis sofrem o enfrentamento da imprensa. Nos últimos anos, o projeto de duplicação da BR-101, que corta a TI, disparou ampla controvérsia, seja pela negociação com a comunidade, seja pela obtenção da licença ambiental para a consecução das obras. O fato é que, pelo enquadramento dado por uma série de



reportagens no noticiário, os responsáveis pelo atraso da duplicação da rodovia são os indígenas – são um empecilho para o “progresso”.

As reportagens que abordam as pessoas em situação de rua também são frequentes em Santa Catarina. No Jornal do Almoço de 18 de julho, uma pauta visava mostrar a situação de abandono do centro histórico de Florianópolis⁸. As imagens exibidas denunciavam estabelecimentos com portas fechadas e “pichadas”, vazios, pouco movimento de pedestres. Acompanhando essas cenas, o repórter em *off* informava que um projeto de revitalização daquele espaço estava emperrado; e como consequência as pessoas estariam se sentindo incomodadas e desprotegidas com a insegurança, com o abandono e a sujeira do local, inclusive com muitos “ratos”. Ao entrevistar uma comerciante, esta realimenta o discurso contido nas imagens e na fala do jornalista, e lamenta a presença de “muitos suspeitos e moradores de rua” que intimidam os trabalhadores da região. Reunir numa matéria imagens de abandono, fazer referência a suspeitos e moradores de rua é intuir na audiência a equiparação de pessoas em situação de rua a ratos. E o não ouvir sequer uma pessoa que porventura “vivesse naquele local” é uma maneira de reforçar preconceitos⁹.

Santos revela que a ciência moderna, ao “objectivar fenômenos, os objectualiza e os degrada, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza” (SANTOS, 2010, p. 54). Ora, o que são indígenas ou pessoas em situação de rua? Caricaturas estigmatizadas por uma sociedade marcada por distinções, “objetos” que estão “do outro lado” da linha abissal que nos

⁸ Comerciantes questionam situação do centro histórico de Florianópolis. NSC – Jornal do almoço. Exibido em: 29 jun. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6840919/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

⁹ Cresce o número de moradores de rua durante a temporada de verão em Florianópolis. NSC – Bom dia Santa Catarina. Exibido em 18 jan. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6429552/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Pedras são colocadas sob pontes em Florianópolis para evitar presença de moradores de rua. G1-SC. 28/12/2017 14h09 Atualizado 28/12/2017 14h09. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/pedras-sao-colocadas-sob-pontes-em-florianopolis-para-evitar-presenca-de-moradores-de-rua.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2018.



separa. Evidencia-se aqui, mais uma vez, as monoculturas alertadas por Santos (2002), quais sejam a lógica da escala dominante, do tempo linear, produtivista. O valor-notícia do conflito, portanto, aqui perpassa desde a seleção da pauta, mas especialmente na visão de mundo de repórteres e editores nos momentos de construção e exibição da notícia.

d) Relevância, significância – Em trabalho anterior¹⁰, questionei uma cobertura da imprensa catarinense sobre o aumento da produção da soja no estado. Eu estranhava o clima de entusiasmo e o tom de celebração com que as reportagens mostravam os resultados positivos dessa cultura, inclusive avançando sobre áreas que tradicionalmente eram da produção do milho. Tais informações sinalizavam uma possível mudança no panorama, uma vez que Santa Catarina é historicamente produtor de alimentos através da agricultura familiar.

Com o apoio e o assessoramento de especialistas, levantei a suspeita de que o crescimento da área para a soja em detrimento do plantio de milho poderia, pelas leis de mercado, acarretar na menor oferta do milho e elevar seu preço. Como este é matéria-prima para rações, o frango, o suíno, o bovino e o leite também teriam seus valores majorados. No referido trabalho explicito as motivações dos agricultores pelo abandono do cultivo de alguns cultivares e o grande interesse pela soja, um produto quase que exclusivamente de exportação – liquidez no mercado internacional; maior rentabilidade, pois permite até duas safras por ano. Em poucos meses, minha suspeita se confirmou – alta nos preços ao consumidor de carnes e necessidade de importação de milho do Paraguai.

Mas meu grande questionamento foi justamente sobre a postura acrítica da imprensa numa cobertura pouco contextualizada, incapaz de visualizar cenários, e incompetente para contestar uma política econômica

¹⁰ Ver: IJUIM, Jorge Kanehide. Modernidade e modelos jornalísticos: Ordem e Progresso como critério de noticiabilidade. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1917-1.pdf>.



equivocada. Da relevância da pauta, a imprensa não enxerga a significância do seu reducionismo. Acompanhar com entusiasmo o discurso do “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo” e ingenuamente (ou deliberadamente?) não perceber as implicações que uma eventual monocultura da soja pode trazer ao estado, chega ao ponto da negligência. Esse comportamento dos órgãos de imprensa, portanto, ressaltam lógica da escala dominante, pela qual entende-se que o único caminho possível é o progresso, e a lógica produtivista, que considera o modo de produção capitalista como o único plausível.

Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas me levam a acreditar na necessidade de definir os valores-notícia como atributos do acontecimento, sim. Mas, acima de tudo, temos de reconhecê-los como construção social e cultural. A visão de mundo sobre os acontecimentos, calcada nos fundamentos ético-epistemológicos, me parece determinante, como vimos, na seleção e na construção da notícia. Esta visão tem suscitado muitas leituras equivocadas na seleção e na construção da notícia.

Em tempos de modernização acelerada das tecnologias de comunicação – em que estão em evidência as novas plataformas e as maneiras diversificadas de se produzir e disponibilizar informações – reitero que a essência do pensar e do fazer jornalismo persistem. Por isso, o empenho para a compreensão dos critérios de noticiabilidade nos ajuda a criticar e, portanto, a contribuir com os esforços para o aperfeiçoamento dos modelos jornalísticos.

O aperfeiçoamento de tais modelos, que envolvem o pensar e o fazer Jornalismo, parece nos exigir um compromisso em favor da reelaboração dos fundamentos ético-epistemológicos do profissional de Jornalismo. Ao acatar as propostas de Santos (2002), há que se superar a razão indolente e almejar uma razão cosmopolita. Se a indolência



moderna gera uma sociologia das ausências, há que se buscar uma sociologia das emergências e um trabalho de tradução. Como afirma o autor, “a sociologia das emergências consiste em proceder uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes de modo a identificar neles as tendências de futuro” (SANTOS, 2002, p. 256). Assim, esta pode contribuir para o aumento do número e diversidade das experiências disponíveis e possíveis. Como ação complementar, o trabalho de tradução visa criar inteligibilidade, coerência e articulação num mundo enriquecido por tal multiplicidade e diversidade. Este trabalho “é sempre resultado de uma convergência ou conjugação de sensações de experiências de carência, de inconformismo, e da motivação para as superar de uma forma específica”, ressalta o sociólogo lusitano (SANTOS, 2002, p. 267). Esta convergência ou conjugação de experiências se manifesta nas reações das zonas de contato. Em outros termos, os jornalistas podem (e devem) reconhecer a multiplicidade e a diversidade de culturas, de experiências de carências.

O *trabalho de tradução* a que se refere Santos pode ser interpretado em nosso âmbito, por exemplo, como a “releitura” dos critérios de noticiabilidade. As fontes oficiais são as únicas que devem ser ouvidas? E tantos segmentos geralmente silenciados e invisibilizados? O enfoque econômico deve prevalecer na abordagem de tantas reportagens? Estas e muitas outras perguntas podem pautar a reflexão de jornalistas para identificar as zonas de contato mencionadas pelo autor. Ampliar a visão de mundo – os fundamentos ético-epistemológicos – significa estender o olhar para as carências da sociedade e, assim, intensificar uma característica que deveria ser nata no profissional: seu inconformismo. Uma das maneiras de apurar seu olhar para as “dores universais”, como diria Cremilda Medina (2003), é se aproximar dos movimentos sociais e de segmentos organizados da sociedade nem sempre percebidos na rotina nas salas de redação. Esta ação solidária, empática e “transgressora”, ao



mesmo tempo em que colabora para a amplificação de sua visão de mundo, pode trazer maior credibilidade ao seu trabalho.

Para esses esforços no sentido de aperfeiçoar os modelos jornalísticos e, por conseguinte, para a construção das teorias do Jornalismo, não podemos prescindir das contribuições de outros campos do conhecimento. Pela experiência desta pesquisa, refiro-me especialmente às contribuições da Sociologia. Boaventura de Sousa Santos assevera que “todo conhecimento científico-natural é científico-social” (SANTOS, 2010, p. 61) e deve servir ao ser humano, à cultura e à sociedade. Ao parafrasear suas ideias, afirmo que o Jornalismo é mais do que técnicas e máquinas, é produtor de conhecimento que deve servir ao ser humano, à cultura e à sociedade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

COMEÇA em SC a temporada de pesca artesanal da tainha. **G1**, Santa Catarina, 01 mai. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/comeca-em-sc-a-temporada-de-pesca-artesanal-da-tainha.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2018.

COMERCIANTES questionam situação do centro histórico de Florianópolis. **NSC TV** – Jornal do almoço. Exibido em: 29 jun. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6840919/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

COMTE, Augusto. **Discurso sobre o espírito positivo**. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CRESCE o número de moradores de rua durante a temporada de verão em Florianópolis. **NSC TV** – Bom dia Santa Catarina. Exibido em 18 jan. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6429552/>. Acesso em: 18 jul. 2018.



EM SC, 1º semestre tem queda nos homicídios e roubos; mortes em confronto com policiais aumentam. **G1**, Santa Catarina, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/07/19/em-sc-1o-semester-tem-queda-nos-homicidios-e-roubos-mortes-em-confronto-com-policiais-aumentam.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2018.

FESTIVAL de Dança de Joinville começa nesta terça com cursos e abertura de feira. **NSC Notícias**, Santa Catarina. Exibição em 17 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6878345/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

IJUIM, Jorge Kanehide. Modernidade e modelos jornalísticos: Ordem e Progresso como critério de noticiabilidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 17., 2016, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1917-1.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

PEDRAS são colocadas sob pontes em Florianópolis para evitar presença de moradores de rua. **G1**, Santa Catarina, 28 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/pedras-sao-colocadas-sob-pontes-em-florianopolis-para-evitar-presenca-de-moradores-de-rua.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 78, 2007, p. 137-46. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 14 jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, 2002, p. 237-280. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1285>. Acesso em: 14 jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: A ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, 2011.



SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Gislene. Para pensar os critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 96-107, jan./jun. 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2004.

THIOLLENT, Michel. **Opinião pública e debates políticos**: Subsídios metodológicos. São Paulo: Polis, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol. II. A tribo jornalística. Florianópolis: Insular, 2005.

URUPEMA registra baixas temperaturas e atrai turistas. **NSC TV** – Jornal do almoço. Exibido em: 11 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6864303/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

26ª FESTA da Tainha começa nesta quarta-feira. **NSC TV** – Bom dia Santa Catarina. Exibido em 4 jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6848848/>. Acesso em: 18 jul. 2018.